http://dx.doi.org/10.22420/rde.v19i45.2692

Coletivo Daomé:
escrevivências de estudantes negras de Serrinha-BA na construção de uma educação antirracista

Daomé Collective:
writings from Black female students in Serrinha-BA in the construction of an anti-racist education

Colectivo Daomé:
escrivivencias de estudiantes negras de Serrinha (BA) en la construcción de una educación antirracista

RAFAELLA CAPISTRANO*
Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal, Serrinha – BA, Brasil.

MARCELO OLIVEIRA**
Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia Baiano, Catu – BA, Brasil.

CELIO JOSÉ DOS SANTOS***
Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia Baiano, Catu – BA, Brasil.

RESUMO: O artigo objetiva compreender caminhos e possibilidades para desenvolver uma proposta de educação antirracista na comunidade escolar do Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal, em Serrinha, Bahia. Destacam-se as escrevivências das mulheres que ajudaram a fundar o Coletivo Daomé, grupo que se destaca por fomentar a educação antirracista. A pesquisa apresenta um panorama das atividades do Coletivo, incluindo oficinas, eventos e ações de conscientização, evidenciando sua relevância na formação de um ambiente

* Mestre em Educação Profissional pelo Instituto Federal Baiano. Professora da rede estadual da Bahia. *E-mail*: <rafaela.pj@hotmail.com>.

** Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia Professor Titular do Tecnológica do Instituto Federal Baiano, *campus* Catu. Professor Permanente do Programa de Pós-Gradiação e Educação Profissional e Tecnológica do IF Baiano. *E-mail*: <historiadormarcelo@gmail.com>.

*** Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Instituto Federal Baiano, *campus* Catu. *E-mail*: <celio.santos@ifbaiano.edu.br>.

escolar inclusivo. Metodologicamente, elegemos as escrevivências para fazer emergir vozes silenciadas de meninas e mulheres negras. Foram solicitadas autobiografias para duas participantes, visando traçar suas trajetórias até o momento em que as suas vidas se cruzaram no Coletivo Daomé. A participação no Coletivo fortalece a identidade racial e promove um espaço de diálogo e reflexão – uma forma de aquilombamento – sobre questões de gênero e racismo, contribuindo para uma cultura escolar mais equitativa.

Palavras-chave: Educação antirracista. Coletivo de mulheres negras. Educação profissional e tecnológica. Histórias de vida. Racismo.

ABSTRACT: This article aims to understand pathways and possibilities for developing an anti-racist education proposal within the school community of the Sisal Territorial Center for Professional Education in Serrinha, Bahia. It highlights the *escrivências* of the women who helped found the Daomé Collective, a group known for promoting anti-racist education. The research presents an overview of the Collective's activities, including workshops, events, and awareness-raising actions, demonstrating its relevance in creating an inclusive school environment. Methodologically, we draw on *escrevivências* to bring forth the silenced voices of Black girls and women. Two participants were invited to write autobiographical narratives in order to trace their trajectories up to the moment their lives intersected within the Daomé Collective. The participation in the Collective strengthens racial identity and promotes a space for dialogue and reflection – a form of *aquilombamento* – on issues of gender and racism, contributing to a more equitable school culture.

Keywords: Anti-racist education. Black women's collective. Vocational and technological education. Life stories. Racism.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo comprender los caminos y posibilidades para desarrollar una propuesta de educación antirracista en la comunidad escolar del Centro Territorial de Formación Profesional Sisal, en Serrinha, Bahía. Se destacan las escrivivencias de las mujeres que ayudaron a fundar el Colectivo Daomé, un grupo que se destaca por promover la educación antirracista. La investigación presenta una visión general de las actividades del Colectivo, incluidos talleres, eventos y campañas de conscientización, lo que destaca su relevancia para la

creación de un entorno escolar inclusivo. Metodológicamente, elegimos las escrivivencias como herramienta para que emerjan las voces silenciadas de las niñas y mujeres negras. Se solicitaron autobiografías a dos participantes con el objetivo de reconstruir sus trayectorias hasta el momento en que sus vidas se cruzaron en el Colectivo Daomé. La participación en el Colectivo fortalece la identidad racial y promueve un espacio para el diálogo y la reflexión —una forma de construcción de comunidad— sobre temas de género y racismo, contribuyendo a una cultura escolar más equitativa.

Palabras clave: Educación antirracista. Colectivo de mujeres negras. Eeducación profesional y tecnológica. Historias de vida. Racismo.

Introdução

Algumas experiências pedagógicas são capazes de transformar a vida das pessoas que as vivenciam. Isso acontece não apenas com estudantes, mas também com professores/as. Foi o que aconteceu no seio do Coletivo Daomé, agrupamento formado e radicado por mulheres e meninas negras dentro de uma escola de Ensino Médio Integrado, localizada no Sertão Baiano. Certa vez, em uma conversa com duas integrantes, uma delas me disse a seguinte frase: "*Pró, você não sabe o quanto a senhora é necessária nessa escola e na minha vida!*" (2023). A frase me pegou de surpresa e causou uma emoção indescritível. Naquele dia estava esgotada, depois de lecionar o dia inteiro e ouvir tantas reclamações sobre a educação na sala de professores/as, mas pensei: "*Sempre vale a pena!*"

Como mulher e pesquisadora negra, minha trajetória acadêmica e profissional está diretamente relacionada aos desafios vivenciados por tantas mulheres negras em uma sociedade historicamente racista. Sou mãe, esposa, mulher negra do Sertão Baiano, professora e faço parte de um Coletivo de Mulheres Negras do Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal – CETEP SISAL, na cidade de Serrinha, no estado da Bahia. Por meio deste texto represento também a luta e a voz desse Coletivo de mulheres negras que compartilham diferentes realidades e desafios semelhantes.

Minha infância foi marcada por um ambiente familiar de boas lembranças. No entanto, minha percepção acerca da constituição de uma sociedade racista começou desde muito cedo. Fui confundida com a empregada da casa por várias vezes. Em certa ocasião, uma amiga da minha mãe perguntou se eu já estava "livre da casa de Dona Ivany" e quanto cobraria pela faxina. Para mim isso não se apresenta como um incidente, mas como estereótipo associado à

população negra, principalmente a ideia de que uma mulher negra como eu deve estar desempenhando uma função de serviço. Quando a campainha tocava e eu ia verificar quem estava à porta, as pessoas me olhavam e perguntavam: "*A patroa está*?"

Mas não foram somente questões racistas que me levaram a desenvolver esta pesquisa. O sexismo também apresentou suas nuances quando, de forma surpreendente, um aluno me disse: "*A senhora deveria estar em casa fazendo faxina*". Essas experiências demonstram como o racismo e o sexismo são peças-chave na compreensão da cultura e da sociedade brasileiras, algo já sinalizado por Lélia Gonzales:

> O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (GONZALES, 1984, p. 224).

Há também outro elemento importante nesta escolha de pesquisa: meu papel como educadora. Nunca descartei a possibilidade de um dia ser professora, mas também nunca idealizei a profissão; apenas os caminhos da vida foram me mostrando o melhor a seguir. Durante esse percurso já lecionei em alguns lugares inusitados como um pátio de bar, onde a mesa de sinuca servia de apoio para o quadro negro e as estudantes, entusiasmadas e cheias de energia, estavam sempre presentes; e em uma casa de farinha – talvez leitores e leitoras não conheçam a expressão 'casa de farinha', mas em resumo, trata-se de um local tradicionalmente utilizado para a produção de farinha de mandioca, que envolve várias etapas, desde a colheita da mandioca até a moagem e torrefação. Muitas vezes, os/as alunos/as estavam ocupados/as com o trabalho no mesmo local onde aprendiam, mas isso não impedia que mantivessem uma boa frequência. Por outro lado, já tive a oportunidade de lecionar em ambientes mais estruturados, e a situação era diferente: apesar de contarem com a estrutura da creche infantil e a oferta de merenda, os/as alunos/as não compareciam às aulas. Nesse processo, minha identidade como educadora foi sendo construída, sempre procurando motivar os/as estudantes a continuar os estudos apesar de todas as adversidades que nos eram impostas.

É nesse contexto adverso que emerge o Coletivo Daomé, tema central desta pesquisa. Busquei compreender como o processo de criação de um coletivo de mulheres negras, no Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal – CETEP-SISAL, contribuiu para o fomento da educação antirracista nessa comunidade escolar. O Coletivo Daomé nasceu de projetos e ações voltados para o combate ao racismo e para o respeito às diferenças, com o objetivo de cumprir a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas. Essa jornada começou em 2021, com o projeto Afroempreender; atualmente estamos em processo de sua consolidação.

Desde o início, o Coletivo se propôs a ser um espaço de empoderamento e resistência para suas integrantes, uma forma que encontramos para nos aquilombarmos, segundo

os termos empregados por Beatriz Nascimento (2006). Pretendíamos fazer do Coletivo um local de acolhimento onde mulheres negras pudessem se ver, reconhecer-se e construir suas próprias narrativas. Como Patricia Collins (2019) ressalta, a criação de espaços seguros é essencial para que mulheres negras possam expressar suas identidades e vivências. Para isso foi necessário ouvir e compreender a trajetória de vidas dessas mulheres.

Vale destacar que o referido artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica ofertado pelo Instituto Federal Baiano, campus Catu, tendo como objetivo compreender os caminhos e as possibilidades para desenvolver uma proposta de educação antirracista na comunidade escolar do Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal – CETEP/Sisal, na cidade de Serrinha, Bahia, no ano de 2023. Embora a cidade esteja situada na região do Semiárido, ela é popularmente conhecida como parte do Sertão Baiano. Vale destacar que a Secretaria de Educação do Estado da Bahia possui atualmente 27 Núcleos Territoriais de Educação, os quais foram divididos de acordo com seus territórios de identidade, construídos com base nas características culturais e socioeconômicas de seus municípios.

Este artigo é composto de quatro seções, além das considerações finais. Na primeira seção, a introdução do trabalho, apresentamos seus objetivos, suas bases conceituais e estruturação. Na segunda, há uma breve apresentação do nosso percurso metodológico com a noção de *escrevivência*. Já a seção seguinte tem o intuito fazer emergir as escrevivências das nossas interlocutoras de pesquisa, Gilmara e Luiza, na tentativa de cruzar as trajetórias biográficas de duas mulheres negras que vivem em um contexto histórico geográfico específico. Na quarta e última seção apresentamos o Coletivo Daomé e sua criação, demonstrando a necessidade de espaços como esse nas escolas públicas.

Caminhos metodológicos: escrevendo e vivendo histórias

A atuação no Coletivo sempre foi a preocupação central na minha trajetória como pesquisadora que aqui se delimita. Um dos meus principais anseios como sua fundadora e integrante foi encontrar uma metodologia que pudesse respaldar de maneira adequada esse processo investigativo, algo que articulasse as teorias acadêmicas com minha trajetória de vida, ou seja, algo que fosse fruto da minha vivência e experiência. É importante frisar que *minha* aqui não representa algo individual, mas coletivo. Esse movimento de pensar e questionar levou-me à metodologia da *escrevivêcia* desenvolvida por Conceição Evaristo.

Em entrevista concedida à Beatriz Hermínio, em 2022, Conceição Evaristo argumentou que a escrevivência articula as ações de escrever e viver, mas não como ações individuais que desembocam em histórias de si ou histórias de vidas. Para a autora, a

escrevivência não é uma escrita de si que se esgota no/na próprio/a sujeito/a, uma vez que carrega a vivência da coletividade. Foi justamente esse último trecho que me aproximou dos escritos da Conceição Evaristo, pois as nossas histórias – histórias de/das mulheres negras – estão conectadas. São trajetórias biográficas que se cruzam, seja pelo amor ou pela dor, como podemos observar em algumas obras consagradas da autora, como *Becos da Memória* (2018) ou *Olhos D'*água (2023).

Na apresentação do livro *Becos da Memória*, Evaristo declara:

> Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência* (EVARISTO, 2018, p. 11).

Em outra obra, Conceição Evaristo (2020) articula de forma mais sistematizada o conceito de escrevivência, apresentando-o como uma estratégia metodológica:

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Vale salientar que a escrevivência tem sido apropriada pelo mundo acadêmico como um caminho para a escrita científica (FELISBERTO, 2020). O livro organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (2020), intitulado *Escrevivência: a escrita de nós*, aponta inúmeras possibilidades de diálogo entre o conceito de escrevivência e o mundo acadêmico.

Para esta análise selecionei duas histórias de vida de participantes do Coletivo Daomé. Salienta-se que a intenção da pesquisa não é quantificar narrativas, pelo contrário, a proposta da escrevivência perpassa o entendimento de que a narrativa de cada interlocutora contempla vivências, experiências e memórias que remetem à coletividade. Em termos de profundidade na produção de dados, adotei duas abordagensas: (i) as trajetórias biográficas, buscando compreender os aspectos específicos da vida das participantes, tentando identificar nas narrativas pontos de interseção (o que traz o sentido de coletividade); (ii) a história de vida temática concentrada em temas específicos que guiaram a produção dos relatos das participantes.

A seleção das participantes envolveu a adoção dos seguintes critérios: participação ativa nas reuniões do Coletivo, envolvimento nos projetos executados e idade superior a 18 anos. Para tanto, fiz contato direto com algumas delas e, em outros casos, em função da distância, convidei uma participante por meio do aplicativo Whatsapp. A partir desses critérios, os relatos foram fornecidos por uma ex-aluna e uma aluna do CETEP/

Sisal, a saber: Participante 1 (ex-aluna) – Luiza Souza dos Santos (nome fictício), mulher de 22 anos, autodeclara-se negra e heterossexual. Tem formação técnica em Administração, é solteira e não tem filhos. Foi membra fundadora do Coletivo, com participação em dois projetos. No momento da pesquisa, não participava mais das atividades; Participante 2 (aluna) – Gilmara dos Santos (nome fictício), mulher de 18 anos, autodeclara-se negra e heterossexual. Tem formação técnica em Administração, é solteira e não tem filhos. Foi membra do Coletivo Daomé por dois anos e auxiliou o desenvolvimento de dois projetos: Afroempreender e Novembro Negro. No momento da pesquisa não fazia mais parte do Coletivo.

Ressalto que a construção da confiança foi fundamental e que os vínculos construídos no Coletivo Daomé foram cruciais na decisão de adotar a metodologia de histórias de vida. Essa confiança possibilitou que as participantes compartilhassem suas experiências mais íntimas e conflituosas. Além disso, essas narrativas não apenas revelam vivências individuais, mas representam uma forma poderosa de resistência contra o racismo e as questões de gênero enfrentadas coletivamente.

As escrevivências foram interpretadas com base em unidades de significado (GIORGI, 1985). Essas unidades foram orientadas pelas categorias estabelecidas na fundamentação teórica e presentes nas análises das autobiografias, organizadas da seguinte forma:

Contexto familiar – unidade presente em todas as histórias de vida por conta da natureza holística da metodologia. Somos parte de um todo, e compreender a história de um/uma indivíduo/a é entender de onde veio e o que traz consigo.

Racismo – unidade de significado que aborda o recorte temático proposto pela pesquisa. As experiências de racismo destacam a importância de ações como a educação antirracista. Essa unidade traz o aporte teórico da interseccionalidade, que ajudou na análise das particularidades relacionadas ao gênero e à raça nas experiências de vida das participantes.

Coletivo Daomé – para alcançar os objetivos estabelecidos na pesquisa, a compreensão e a análise da influência do Coletivo forneceram dados sobre como impactou a educação antirracista das participantes.

Em relação às questões éticas, as participantes foram informadas sobre todos os cuidados tomados a fim de garantir a confiança necessária para colaborar com a escrita da pesquisa. Expor sua história de vida não é algo fácil, especialmente diante da temática proposta. Portanto, foi garantido o anonimato, com a utilização de nomes fictícios para as autoras, parentes e até mesmo para a cidade e o bairro onde residem, a pedido delas – fato que não afetou a fidelidade na transformação de seus relatos em Histórias de Vida. A pesquisa foi autorizada pelo comitê de ética da Universidade Estácio de Sá, sob o número de parecer 6.823.107, e forneceu todos os documentos que asseguram o anonimato das participantes.

Vidas cruzadas: as escrevivências de meninas/mulheres negras e o Coletivo Daomé

Nesta seção buscamos explorar as narrativas que permeiam as vidas de Luíza e Gilmara, revelando como cada uma encontrou formas de se insurgir e resistir, a partir de suas experiências e vivências nos contextos educacional e social. Através de suas escrevivências podemos compreender um pouco a forma pela qual as trajetórias das mulheres negras no Brasil se cruzam, onde o particular e o universal são delineados por uma linha bastante tênue.

Escrevivências de Luíza

Conheci Luíza por meio do Projeto Afroempreender. Ela foi convidada por outras meninas e frequentou o Coletivo até se formar, no ano de 2023. O relato não foi extenso, mas foi escolhido justamente por revelar uma situação de agressão que está presente na vida de muitas mulheres brasileiras. Até então, Luíza não tinha tido a oportunidade de contar sua versão do que aconteceu.

Sobre seu contexto familiar, ela relatou:

> Meu nome é Luiza Santos, sou da zona rural de Serrinha. Cresci na roça e ajudei a cuidar dos meus três irmãos. Minha infância foi muito difícil na roça; trabalhei muito, mas também brinquei. Gosto muito dos meus pais. Quando comecei a estudar no CETEP, pegava ônibus todos os dias, o que era muito cansativo (LUÍZA, 2024).

Ela é bem sucinta ao falar de suas origem e família, entretanto, revela um panorama muito comum da vida de famílias do Sertão Baiano: a relação entre o trabalho e a educação. É corriqueiro na zona rural meninas relatarem que cuidam de irmãos e irmãs para que seus pais e suas mães possam trabalhar. Isso é uma das reclamações frequentes de minhas alunas, e algumas contam que vão à terapia para tratar dessas questões. Essas meninas geralmente fazem parte de famílias consideradas numerosas, com cinco ou mais filhos/as, que carecem de recursos, o que faz com que pais e mães precisem deixar as crianças mais novas sob seus cuidados. De acordo com Carvalho, "até os 9 anos, as crianças estão ocupadas fundamentalmente em atividades agrícolas, como auxiliares não remunerados de membros da unidade domiciliar ou trabalhadores para o próprio consumo" (CARVALHO, 2008, p. 157). Essa é uma situação muito comum no campo brasileiro. Carvalho aponta que a inserção prematura no mundo do trabalho obriga muitas crianças e adolescentes a conjugarem a escola com o trabalho, ou até mesmo a se dedicarem exclusivamente às atividades laborais, principalmente naquelas áreas onde a produção rural é predominante e a mão-de-obra infanto-juvenil é mais utilizada, como o Nordeste e o Sul do Brasil. Mas não é desprezível a presença dos/das que não frequentam a escola ou não trabalham nem estudam, porque se dedicam aos afazeres domésticos (CARVALHO, 2008, p. 3).

Outro aspecto que chama a atenção nesse relato é o movimento de jovens que saem da zona rural para estudar na zona urbana. O sertão – muitas vezes estigmatizado como lugar de pessoas 'ignorantes', 'jeca-tatus' que não sabem 'falar direito' – apresenta um movimento significativo de jovens em busca de um grau de instrução urbanizado. O CETEP/Sisal possui atualmente (2024) 1.560 alunos/as matriculados/as e, de acordo com dados da secretaria escolar, 650 desses/as alunos/as moram na zona rural de várias cidades vizinhas. Esse fluxo trata do cruzamento de culturas diferentes, já que o trajeto que os/as alunos/as fazem ao saírem da zona rural para a cidade revela mais do que um simples deslocamento em busca de conhecimento. O trânsito casa-escola feito pelos/as alunos/as da zona rural até a cidade pode ser visto como uma representação metafórica do processo transcultural que ocorre nesse contato: a criança entra no ônibus e parte em direção a um meio pouco conhecido e muito idealizado. O veículo não transporta apenas o físico, mas também os costumes, as crenças e a variedade linguística para dentro da escola, levando a criança a perceber, por meio desse contato, os valores atribuídos às suas manifestações em relação à cultura urbana letrada, fazendo com que deseje estar no lugar do/da outro/a, da cultura de prestígio (PAIVA, 2008, p. 13).

Luíza, que fez parte desse processo de trânsito, descreve ainda que pensou em desistir de estudar em algum momento, mas a escola muitas vezes tornou-se um refúgio, evitando que tivesse que fazer as atividades domésticas pedidas por sua mãe. O ambiente escolar representava para ela um espaço de oportunidade e um segundo lar. A violência sexual foi outro tema abordado em sua escrevivência:

> Eu queria muito esquecer esse dia. O que aconteceu comigo não foi no Ceteps foi em outro colégio,. Eu formei um trio para realizar uma atividade com mais dois colegas da escola que eram meus amigos, marcamos de estudar na casa de um deles. Pela manhã fui pra casa desse colega, nesse dia eu não tinha avisado a minha mãe que iria sair pra casa desse colega, que não morava muito longe da minha casa, quando cheguei lá a mãe dele não estava, nunca tinha visto o pai. Só estava eu e mais um colega, sentei na mesa de estudos quando de repente eles pegaram meus braços e me arrastaram da cadeira que estava sentada, começaram a me beijar um deles tentou tirar minha blusa, na hora eu comecei a me debater e conseguir me livrar e corri para algum lugar da casa, fui entrando em um quarto e me escondi debaixo da cama e comecei a gritar, eles começaram a puxar minhas pernas, lembro que um deles levantava a cama e batia no chão. Daí eles conseguiram me tirar da cama, um deles ficou por cima de mim, começou a se esfregar, pegar nos meus peitos, começaram a passar os órgãos genitais na minha barriga e comecei a gritar loucamente, eu dizia: parem com isso que eu fico com vocês, então eles me deixaram levantar e quando fiz isso corri e fui parar em um banheiro e tranquei, eu não tinha celular, então eu só conseguia gritar que iria chamar a polícia, não tenho ideia de quanto tempo fiquei no banheiro, mas foi por muito tempo, eu pensava: Meu Deus porque eles fizeram isso!? Eu vou morrer? Meu pai vai me matar! Quando um deles começou a gritar com o outro: minha mãe vai chegar! Minha mãe vai chegar! Deixa essa merda ir embora! Quando de repente eles falaram comigo que eu poderia sair, naquele momento eu abri a porta e saí correndo pela casa, nem pensei que eles poderiam estar mentindo pra mim. Quando cheguei em casa não tive coragem de ir para a escola, nunca contei isso para meu pais, só contei para

> uma colega. Eu não sei se sinto repulsa, eu não tinha medo deles, na verdade eu tenho muita vergonha de contar, do que ia pensar. Voltei para a escola e deixei de falar com eles, eu os ignorava dentro da sala, a vida deles com certeza seguiu a normalidade, no ano seguinte graças a Deus eles mudaram de escola (LUÍZA, 2024).

Luíza sentia vergonha do que os/as outros/as poderiam pensar sobre ela, e também havia o temor da reação de seu pai e sua mãe caso soubessem do ocorrido. Assim como outras vítimas de violência sexual, ela se preocupava intensamente com a imagem que projetariam sobre sua integridade e vida íntima, assumindo a culpa ou a responsabilidade pelo fato como uma forma de proteger a si mesma. Bruno Florentino (2015) menciona que, infelizmente, em muitos casos as vítimas são desacreditadas e expostas a comentários maldosos e preconceituosos, o que as leva ao silêncio. A interseccionalidade de raça e gênero também foi evidenciada no relato:

> No outro dia que fui para escola uma colega veio me dizer que todo mundo falava de mim nos corredores. Uma colega de sala chegou para mim e disse: você foi na casa deles porque era isso que você queria! Preta feia! O que eu queria naquele momento era só me defender, mas eu não sei como guardei isso por tanto tempo. Com tanta informação, sei lá eu poderia fazer uma denúncia, eu simplesmente fiquei calada, eu tinha medo dos meus pais descobrirem. Na verdade eu achava que violência só acontecia em caso de estupro, o que aconteceu comigo foi uma "forçada de barra", eles quiseram ficar comigo e eu não. Eu não achava que aquilo era violência, eu só tinha medo do castigo que iria levar (LUÍZA, 2024).

Nesse trecho percebemos a manifestação de mais um episódio de violência sofrida, relacionado tanto ao racismo quanto ao sexismo. Sendo uma mulher negra, Luíza enfrenta a discriminação associada às suas duas condições, o que resulta em formas duplas de agressão. Sobre a interseção entre racismo e sexismo, Lélia Gonzales (1984) afirma que o lugar em que nós, mulheres negras, nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo.

Ao relatar que a colega insinuou que ela foi "porque queria" e a agrediu verbalmente, chamando-a de "preta feia", fica explícito como sua raça foi usada como termo pejorativo, revelando mais uma característica da culpabilização da vítima. Além disso, podemos observar como estereótipos raciais estão presentes na fala dessa colega, trazendo à tona a sexualização de corpos negros femininos.

Sobre sua atuação no Coletivo Daomé, Luíza mencionou:

> Foi no coletivo Daomé que contei pela primeira vez essa história, contei para a professora, que me disse que eu não deveria ter guardado aquilo por muito tempo e se ela poderia ajudar. Pra mim essa história ficou no passado. No coletivo eu fiz parte do projeto Afroeemprender eu amei fazer parte dele. S'eu [sic] tivesse feito parte de um grupo desses naquela época talvez eu tomaria coragem de denunciar o que aconteceu comigo (LUÍZA, 2024).

O Coletivo Daomé é visto por Luíza como um espaço seguro. Ela relata ter contado a sua história pela primeira vez em um ambiente que ouviu e acolheu sua fala. Isso nos leva a ratificar a ideia de *aquilombamento* associada ao Coletivo. Utilizei esse termo para fazer referência a esse espaço que se tornou um lugar de empoderamento, resistência e, acima de tudo, um lugar de acolhimento (NASCIMENTO, 2006). Ao falarmos de aquilombamento lembramos imediatamente dos quilombos, que são conhecidos como um dos principais símbolos de resistência negra durante a escravidão. Nesse período, eram vistos como lugar de rebeldia e organização comunitária de escravos/as que fugiam desse sistema. De acordo com Kabengele Munanga (2001), os/as negros/as foram além da resistência cultural no espaço de hegemonia colonial. Em movimentos conhecidos como *marronnage*, organizaram fugas em massa e estabeleceram-se em territórios desocupados e de difícil acesso. Ali criaram novas formas de sociedade livre, os quilombos ou mocambos – palavras africanas, seguramente de origem banta.

O termo *aquilombamento* ou *quilombismo*, utilizado por Beatriz Nascimento (2006; 2022) e Abdias do Nascimento (2019), faz referência a estratégias empregadas pelo povo preto para romper a estrutura racista de uma sociedade que utiliza instrumentos de opressão e violência. Esses termos podem se manifestar por meio de grupos que promovem ações de apoio e formas de enfrentamento contra a exclusão econômica, social e política de pessoas negras. Abdias do Nascimento (2019) enfatiza que a rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; na contramão do que se afirmava na lei, erguem-se os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os 'ilegais' formam uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. Esse complexo de significações, essa práxis afro-brasileira foi denominada por Nascimento como quilombismo (NASCIMENTO, 2002, p. 338).

Assim, entendemos que o conceito de aquilombamento pode ser associado ao Coletivo Daomé na medida em que esse espaço, criado de forma colaborativa, horizontal e autônoma, e identificado por suas integrantes como um ambiente seguro e acolhedor, além de ser uma forma de resistência no contexto em que está inserido, também promove o princípio do apoio mútuo em busca do aperfeiçoamento profissional de mulheres negras.

Escrevivências de Gilmara

Conheci Gilmara quando ela iniciou seus estudos no CETEP/Sisal. Muito ativa nas ações escolares, Gilmara participou dos projetos Afoempreender e Novembro Negro na Escola. Após sua formação, fiz o convite para que ela participasse das atividades do Coletivo Daomé. A respeito do seu contexto familiar, ela relatou:

> Nasci em 2004, na cidade de Feira de Santana. Sou filha de A.M.S. e P.M.S., tenho mais dois irmãos e sou a filha do meio. Sempre fui criada com meus pais, mas não tinha uma boa relação com meu pai. Meus avós viveram por muito tempo; meu avô Júlio faleceu aos cem anos e minha avó Pombinha aos cento e quatro. Isso me faz perceber como hoje tudo está passando rápido: a Covid-19, tantas doenças, perdi muitos amigos muito cedo, alguns por Covid-19 e outros por doenças (GILMARA, 2024).

Gilmara fez um pequeno relato sobre sua família. Nesse primeiro momento de sua história de vida, ela não trouxe muitos detalhes sobre a infância, e um dos pontos que mais me chamou a atenção nesse bloco de significados diz respeito à sua relação com o pai, carecendo de detalhes. Há, entretanto, um contraste interessante no relato entre a longevidade de seus avós e a brevidade do tempo, na sua percepção de como "tudo está passando rápido". Enquanto seus avós representavam uma época mais segura e estável, as perdas sofridas por Gilmara trouxeram a inquietação sobre um tempo acelerado que a modernidade trouxe e o impacto que a Covid-19 causou, não somente em sua vida, mas em toda a humanidade. A questão racial aparece no relato de Gilmara quando ela afirma:

> No CETEPS eu vivencie alguns episódios na minha vida que hoje tudo faz sentido. Meu grupo era formado por meninas brancas, eu tenho a pele parda clara puxei a minha mãe e traços negros que puxei do meu pai. Nesse grupo eu não era branca suficiente para elas porque apesar de ter a pele clara, eu não tinha cabelo liso. Meu cabelo é crespo, minha boca é grossa, que me fez ter vários apelidos como "boca de sulapa" na escola. Já no meu bairro a maioria das minhas amigas eram negras, mas elas diziam que eu não era negra e que eu era branca. Eu cresci assim, não me considerava branca, não sofri racismo por causa de cor, para minha família eu sou branca igual a minha mãe (GILMARA, 2024).

O relato de Gilmara evidencia como a questão da identidade no Brasil ainda se apresenta de forma complexa, especialmente quando falamos sobre a autodefinição. Segundo o dicionário online Michaelis, *pardo* significa: "De cor entre o branco e o preto, meio escura; tuíra; 2. Branco sujo". A literatura sobre as questões raciais está atrelada aos processos políticos e sociais do Brasil. Nessa dimensão, há pontos da historicidade que foram moldando e trazendo ao imaginário brasileiro as definições de quem é negro/a, pardo/a ou mestiço/a. Não há consenso entre estudiosos/as sobre essas definições, mas elas frequentemente recorrem aos conceitos de miscigenação e ao mito da democracia racial.

Em seu relato, Gilmara afirma que não era "branca o suficiente" por características como cabelo crespo e lábios grossos. Sob o ponto de vista de Candido Gomes (2005), características como textura do cabelo, traços faciais e cor da pele estão presentes na experiência de racialização de um/uma indivíduo/a. Isso ocorreu com Gilmara: por conta dos grupos sociais dos quais participava e da percepção que esses grupos tinham dela, sua identidade foi se formando sem uma noção clara de pertencimento.

Sobre sua atuação no Coletivo Daomé, ela disse:

> No coletivo Daomé, aprendi muitas coisa, principalmente sobre consciência racial. A professora Cristina foi para mim um grande exemplo. Eu achava que ela era uma mulher branca, quando ela disse que se declarava uma mulher negra eu comecei a perceber como ter uma consciência racial e saber aquilo que você é era importante. Foram momentos muitos legais nos projetos no coletivo eu aprendi muito como me posicionar (GILMARA, 2024).

Gilmara revela em seu relato como o Coletivo fez parte do seu processo de construção e percepção do que é ser mulher e, sobretudo, uma mulher negra, num percurso longo de percepção de si mesma, de construção de um discurso e de apropriação de uma imagem. A discente citada mostra a importância de um espaço representativo e plural. A concepção inicial que tinha sobre a professora – que a considerava uma mulher branca – a surpreendeu e a fez refletir também sobre sua própria condição e sobre a importância da consciência racial e do autorreconhecimento. O Coletivo Daomé se soma a mais um instrumento de luta, onde a consciência de gênero, raça e classe torna-se essencial para a construção de uma cidadania mais crítica e consciente das estruturas dominantes, tornando a autoafirmação e o autoconhecimento partes fundamentais para o empoderamento negro feminista.

Nasce o coletivo de mulheres negras — o Coletivo Daomé

Por que um coletivo? Por que um coletivo de mulheres negras? Essas foram algumas das perguntas que surgiram quando apresentamos o projeto para a escola. Não estaríamos excluindo o restante da comunidade escolar? O Coletivo Daomé nasceu justamente da questão que envolve a falta de espaço e representatividade, como foi possível observar nas narrativas de Gilmara e Luíza.

Em um caso específico, uma estudante relatou ter levado propostas de ações antirracistas para o grêmio escolar, mas a ação foi realizada sem a sua participação e sem dar crédito à sua ideia, o que a fez se sentir excluída. Em reunião com as garotas do grupo Afroempreender, o ocorrido foi exposto e decidimos que, a partir de então, deveríamos seguir nossas ações como um coletivo. Nesse momento, o projeto Afroempreender deixou de existir, para que começássemos a trilhar caminhos como um Coletivo de Mulheres Negras do CETEP/Sisal. Percebemos que precisaríamos crescer como organização, construir nosso espaço e dar voz não apenas às nossas particularidades, mas também às nossas experiências.

Coletivos são grupos de pessoas que se unem em prol de um bem comum e por afinidade, enxergando no espaço que ocupam a necessidade de intervir em sua comunidade. Nos sustentaremos em Gohn (2018) para compreendermos o sentido da palavra *coletivo* e os seus significados na contemporaneidade, porque é algo marcante na linguagem da ação política e organizacional dos movimentos contemporâneos.

> Os coletivos […] são vistos como agrupamentos fluídos, fragmentados, horizontais, e muitos têm a autonomia e a horizontalidade como valores e princípios básicos. Coletivos autodenominam-se como ativistas e não como militantes de causas, vivem experiências e experimentações que podem ser tópicas ou mais permanentes; fragmentadas ou mais articuladas (GOHN, 2018, p. 122).

Podemos avançar no sentido de que os coletivos, em especial, para a comunidade negra, também podem ser entendidos como uma forma de aquilombamento, como já abordamos em parágrafos anteriores; é um espaço de acolhimento, autorreconhecimento e de segurança.

O recorte de gênero que precedeu a formação do Coletivo se concretizou a partir das narrativas apresentadas pelas discentes no grupo Afroempreender, atreladas à necessidade do próprio campo de estudo e à demanda por um espaço organizado e de reconhecimento. A diversidade de participantes envolvidas no Coletivo Daomé, abrangendo os corpos discente, docente e de funcionárias do CETEP/Sisal, teve como objetivo fortalecer o empoderamento das mulheres negras no contexto educacional.

O Coletivo Daomé – Coletivo de Mulheres Negras do CETEP/Sisal – foi construído como uma forma de fortalecer e ampliar as discussões sobre a temática racial dentro da comunidade escolar. Além disso, tem a pretensão de promover práticas pedagógicas pautadas na educação antirracista, bem como se tornar um local de referência para a comunidade escolar sobre temáticas afro-brasileiras, afrorreferenciadas e protagonismo feminino.

O nome *Daomé* faz referência ao antigo Reino do Daomé, localizado na atual República do Benin, na África, que tinha um exército composto exclusivamente por mulheres guerreiras. O nome foi escolhido pelo próprio Coletivo. Atualmente, o grupo de mulheres negras é constituído por dez integrantes, estudantes dos cursos de Administração, Logística e Nutrição, na modalidade EPI, além de duas professoras e uma funcionária do corpo administrativo.

Durante todo o ano de 2023 o Coletivo Daomé promoveu e participou de ações com cunho antirracista, tanto dentro quanto fora da comunidade escolar. Uma das atividades desenvolvidas foi a criação do Podcast Daomé, projeto que reúne duas discentes negras que produzem seu conteúdo. A ideia nasceu com a proposta de divulgar os livros da biblioteca que são de autores/as negros/as. O podcast foi utilizado para compartilhar resenhas desses livros e incentivar sua leitura na comunidade escolar, sendo difundido durante o intervalo de aula da escola. Entretanto, além de divulgar os livros de autores/as negros/as, se tornou uma fonte de análises aprofundadas e debates sobre a luta por igualdade racial, sob a perspectiva de suas integrantes. As estudantes se mobilizaram através de reuniões regulares, divisão de tarefas, pesquisa e comunicação. O conteúdo chamou a atenção dos/das estudantes da comunidade escolar para a temática do racismo. Houve também a divulgação dos episódios pelos/as líderes de classe, por meio dos grupos de WhatsApp institucionais da escola.

Considerações finais

A luta contra o racismo permanece constante, uma vez que sua manifestação estrutural em uma sociedade capitalista impõe barreiras de opressões significativas. No entanto, a organização coletiva com consciência crítica sobre esse processo tem minimizado as formas de exploração impostas ao longo desses anos.

No presente artigo procuramos esboçar quais caminhos e possibilidades foram trilhados para desenvolver uma proposta de educação antirracista no contexto da comunidade escolar do Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal, na cidade de Serrinha, Bahia. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica do Estado da Bahia, o Coletivo Daomé foi uma inovação. A criação desse Coletivo de Mulheres Negras no CETEP/Sisal teve a pretensão de fomentar a educação antirracista, por meio de suas ações e projetos pedagógicos.

Por meio das escrevivências das integrantes do Coletivo Daomé, analisamos a interação de variadas nuances relacionadas a racismo, gênero, machismo e outras formas de opressão que as mulheres enfrentam em seu cotidiano. Através de suas trajetórias biográficas podemos perceber a complexidade dessas experiências, como elas se entrelaçam e, em muitos momentos, confundem-se.

As mulheres do Coletivo, cujas histórias de vida foram contadas no decorrer do texto, demonstram o quanto é necessário discutir a educação antirracista e seu letramento. A abordagem também trouxe à tona a complexidade de contar a história de vida, as experiências individuais – que, assim como o lugar de fala, trazem consigo a importância desses diálogos na discussão acadêmica e o grande esforço necessário para se compreender vivências únicas, apresentando a escrevivência (EVARISTO, 2018) como possibilidade metodológica bastante profícua.

Em suma, o Coletivo apresenta duas questões importantes: a dimensão racial e o fato de ser um projeto político que envolve mulheres, o que fortalece o feminismo negro. O envolvimento de adolescentes nesse processo de construção do letramento racial não apenas as fortalece individualmente, como fortalece o próprio grupo. As mulheres vivenciam uma série de violências que, sob uma perspectiva interseccional, envolvem questões de raça, classe, gênero e sexualidade. E é dentro desse grupo que se pode encontrar acolhimento e reflexão. A proposta de construção do Coletivo busca aproximar experiências às quais a juventude, muitas vezes, só teria acesso mais adiante. O acesso ao feminismo negro é algo que muitas mulheres só conseguem realizar após um longo percurso de autocompreensão e reflexão sobre o racismo e sua autodefinição. Esse processo pode ser difícil e repleto de fragilidades, no qual é possível sentir os problemas intrinsecamente ligados a si mesma. Assim, o Coletivo se torna um espaço essencial para a troca de experiências e a promoção de um entendimento mais profundo sobre a identidade e a luta das mulheres negras em um espaço educacional, fomentando a educação antirracista em seu meio.

No Coletivo Daomé compreendi que nós somos mais fortes juntas. Enquanto educadora negra, percebo como isso se reflete no dia a dia do grupo, nos mecanismos que criamos para dar conta desse projeto político, tentar traçar vias, trabalhar conjuntamente com a juventude para pensarmos outras formas de experiência de vida e de futuro – porque o que as práticas de violência mais fazem é nos impedir de sonhar.

Recebido em: 09/08/2025; Aprovado em 08/10/2025.

Referências

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. O trabalho infantil no Brasil contemporâneo. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 551569, set./dez. 2008. DOI: 10.1590/S010349792008000300010.

COLLINS, Patricia Hills. *Pensamento Feminista Negro:* conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência*: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água.* Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência*: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória.* Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência*: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 164-180.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérgamo. As possiveis consequencias do abuso sexual praticado contra ceiancas e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.n27, n. 2, p. 139-144, 20 jun. 2015.

GIORGI, Amedeo. Sketch of a psychological phenomenological method. In: GIORGI, Amedeo (Org.*). Phenomenological and psychological research.* p. 8-22. Pittsburgh: Duquesne University Press. 1985.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Cadernos de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento*, v. 31, n. 82, p. 117133, 2018. DOI: https://doi.org/10.9771/ccrh.v31i82.21960

GOMES, Candido Alberto. A Escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.13, n. 48, p. 281- 306, jul./set. 2005.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje,* Anpocs, p. 223-244, 1984.

HERMÍNIO, Beatriz. "*A escrevivência carrega a escrita da coletividade*", *afirma Conceição Evaristo*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). São Paulo, out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 22 out. 2025.

SANTOS, Luiza Souza. Coletivo Daomé: Histórias de vidas de mulheres negras de uma comunidade escolar em Serrinha-BA na construção de uma educação profissional antirracista. Entrevista concedida a Rafaella Capistrano. Serrinha, 22 mar. 2023.

SANTOS, Gilmara. Coletivo Daomé: Histórias de vidas de mulheres negras de uma comunidade escolar em Serrinha-BA na construção de uma educação profissional antirracista. Entrevista concedida a Rafaella Capistrano. Serrinha, 5 abr. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 3143, jul./dez. 2001.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo:* documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva/ Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. *Eu sou atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo.* São Paulo: Ubu, 2022.

PAIVA, Dalva Infantini de. *Crianças de zona rural, alunos de escola urbana.* 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.